

ELEVADO: UMA CRÔNICA EM RUÍNAS

HIGH: A STORY IN RUINS

Barbara dos Santos¹ – IA / UNESP

Resumo

Este ensaio visual tem como objetivo compartilhar uma travessia por um ferro velho localizado na região noroeste do município de Campinas no sábado de Carnaval. As andanças e as caminhadas são métodos da arte-educação que (des)velam o cotidiano na sua forma orgânica, são os percursos que nos levam a investigar o entorno e a (re)conhecer os caminhos não-trilhados no porvir do corpo pensante. Dessa forma, ao adentrar um espaço que abriga entulhos, reciclagem de diversos tipos, ferros, plásticos, roupas e tudo aquilo que é recusado pela lógica capitalista, eis que observamos um laboratório frutífero de poéticas para se escrever uma crônica em ruínas que se materializam em fotografias produzidas com o modelo Nikon D3400 18-55mm.

Palavras-chave: poéticas visuais; narrativa visual; processos de criação.

Abstract

This visual essay is to share a journey through an old iron yard located in the northwestern region in the Campinas city on Carnival Saturday. Walking and hiking are art education methods that (un)veil everyday life in its organic form. They are the routes that lead us to investigate our surroundings and (re)discover the untrodden paths in the future of the thinking body. Thus, on entering a space that houses rubble, recycling of various kinds, iron, plastic, clothes and everything else that is rejected by capitalist logic, we observed a fruitful laboratory of poetics for writing a story in ruins that materialize in photographs produced with the Nikon D3400 18-55mm model.

Keywords: visual poetics; visual storytelling; creation processes.

Eu quero a fotografia, os olhos cheios d'água sob as lentes, caminhando de terno e gravata, o braço dado com a filha. Eu quero a cada vez olhar e dizer: estava chorando. E chorar. Eu quero a dor do homem na festa de casamento, seu passo guardado, quando pensou: a vida é amarga e doce? E quero o que ele viu e aceitou corajoso, os olhos cheios d'água sob as lentes (PRADO, 2006, p. 125)

Observar o campo expandido do território em percurso, na qual as ruínas, as frestas, as esquinas, as bifurcações, as rachaduras, o que nos escapa são elementos

¹ Mestra em Artes, área de concentração Ensino de Artes, pelo Instituto de Artes da UNESP. Artista visual, fotógrafa e bordadeira. Orientadora pedagógica na Prefeitura de Campinas. Lattes: lattes.cnpq.br/2778711980813280. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5625-0463>.

para uma escrita fotográfica generosa que nos permite adentrar o desconhecido, penetrar nas linhas de fuga que transitam o nosso imaginário e o devir na tentativa de ocupar os espaços, vazar por eles e transitar em outros porvires, nos entretempos, nos rastros, nas memórias. Assim, este ensaio visual opera na relação entre as ruínas e o tempo, entre as coisas que são realmente necessárias, sobre a efemeridade, sobre o imediatismo das relações, na qual aquilo que está enferrujado, abandonado e descartado recebe linhas de contorno no processo de expansão do campo, na qual residem as nossas ancestralidades e as reticências que nos faz chegar até aqui. As ruínas no tempo são materialidades para romper o pensamento daquilo que é esvaziado de significação, que é imediato sem reflexão, oco e sem vida. Quais segredos guardam um quadro de bicicleta? Que memórias residem em pneus velhos, tampinhas e nos engradados de garrafas de vidro? Que habitares os nossos pés podem alcançar dentro de um latão coberto de alumínio, na qual as cores gritam e pedem o seu espaço. A câmera corre por entre, dentre os locais não-habitados, procurando aquilo que vaza, que escapa aos nossos olhos preocupados com o tempo cronológico, na qual o instante do encontro entre a lente do equipamento e a própria ruína são os devires que levam as continuidades, as reticências, na trajetória do corpo que se desloca para deleitar-se sobre as urgências, sobre as necessidades que são vitais, que exprimem o habitar na sua excelência máxima. Dentro de um saco de palha, restos de poeira e fragmentos se misturam com o olhar atento e minucioso do corpo que habita a câmera, onde o ar pede passagem, percebe-se pequenos buraquinhos que escapam os respiros de uma outra lógica do cuidado com o outro. Repousar-se sobre o tempo do relógio, procurando outros tempos, os entretempos, o tempo travessia, no prolongamento do olhar alargado, curioso, atento, de passagem. Num galpão abandonado de escuridão precisa, uma câmera encontra o seu lugar e se deleita, mapeando os fiapos de uma trama, na qual o tear é o nosso próprio corpo em projeção e a agulha é a nossa conexão da experiência em fluxo, em transbordamento, em prospecção.

Um poema como um gole d'água bebido no escuro. Como um pobre animal palpitando ferido. Como pequenina moeda de prata perdida para sempre na floresta noturna. Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição de poema. Triste. Solitário. Único. Ferido de mortal beleza. (QUINTANA, 2005, p. 26).



Imagem 1: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.



Imagem 2: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.

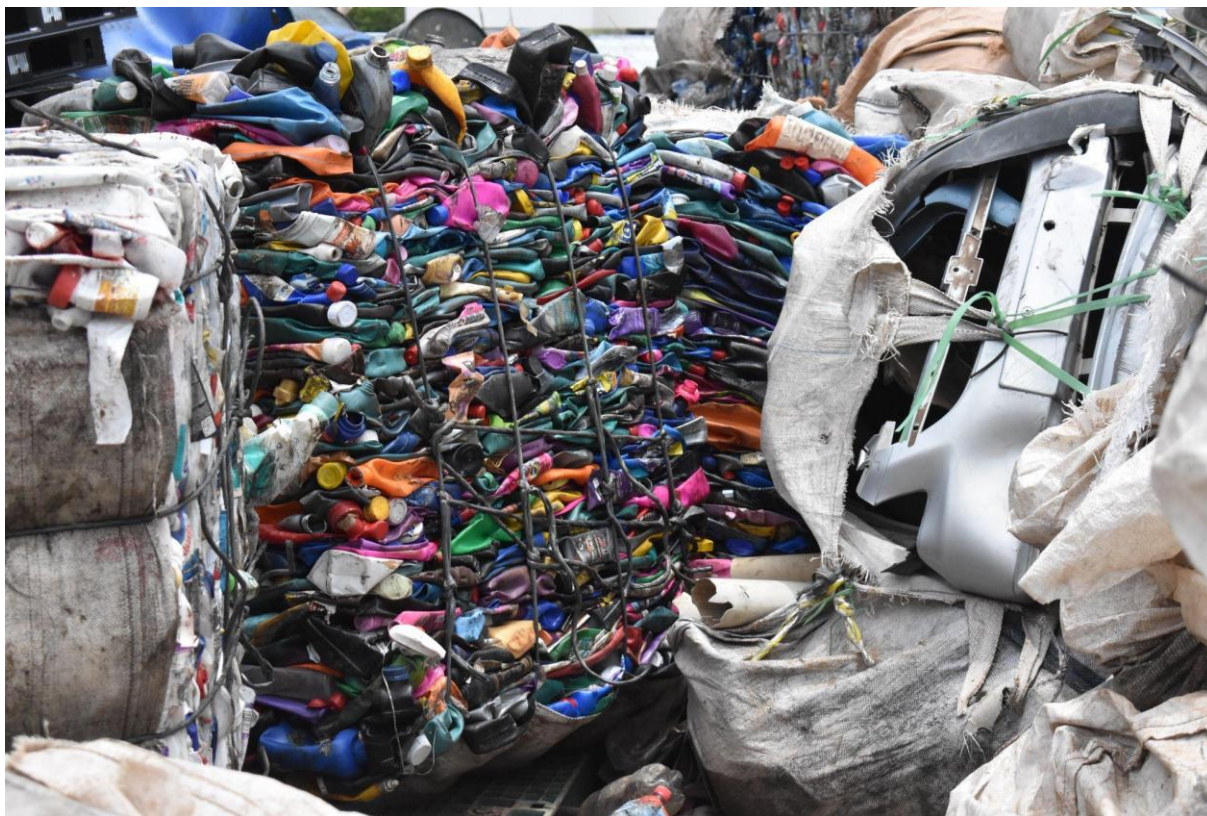


Imagem 3: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.



Imagem 4: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.



Imagem 5: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.

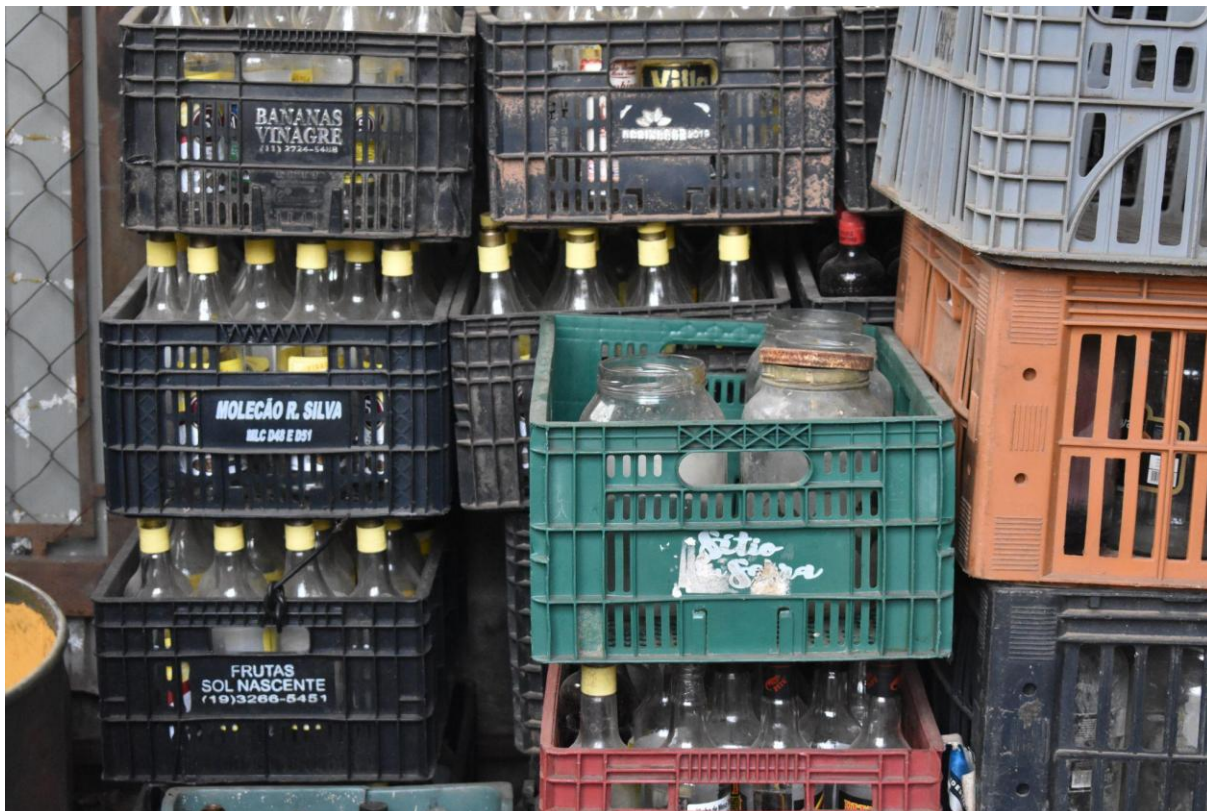


Imagem 6: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.



Imagem 7: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.



Imagem 8: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.

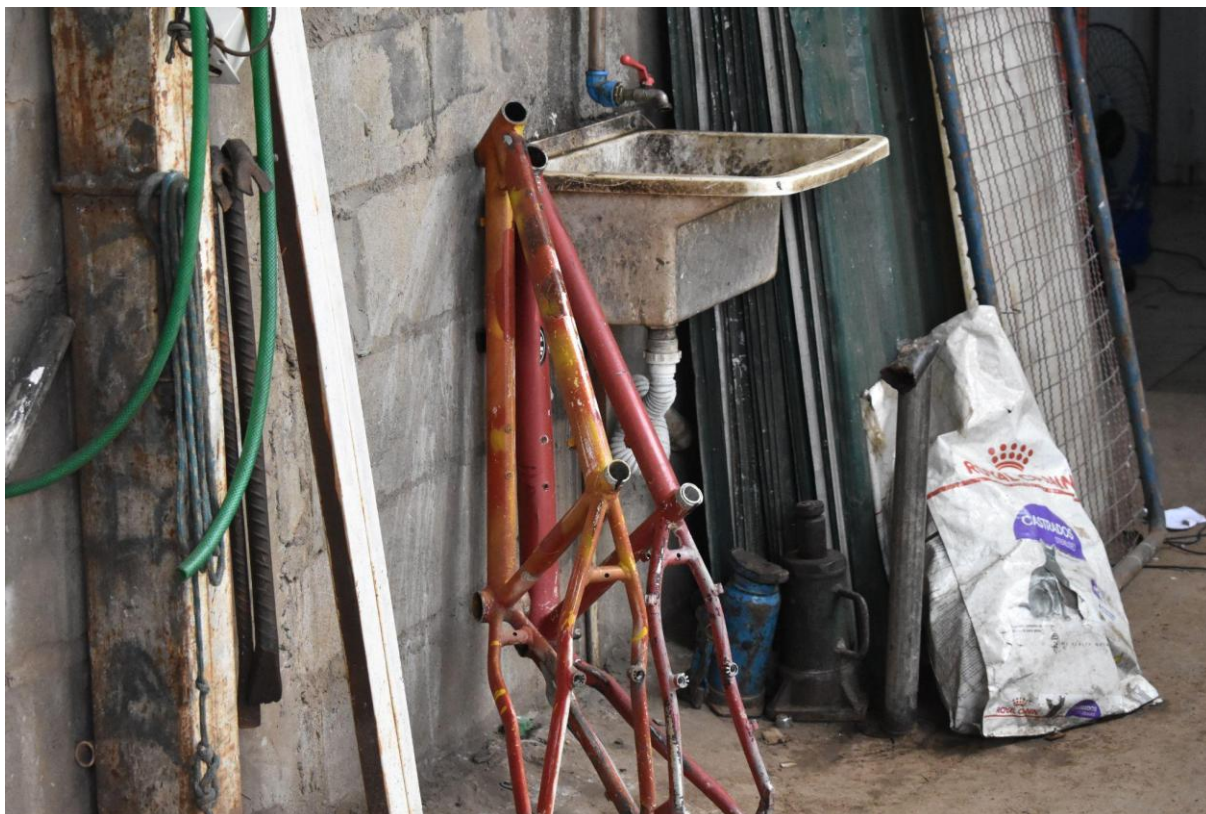


Imagem 9: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.

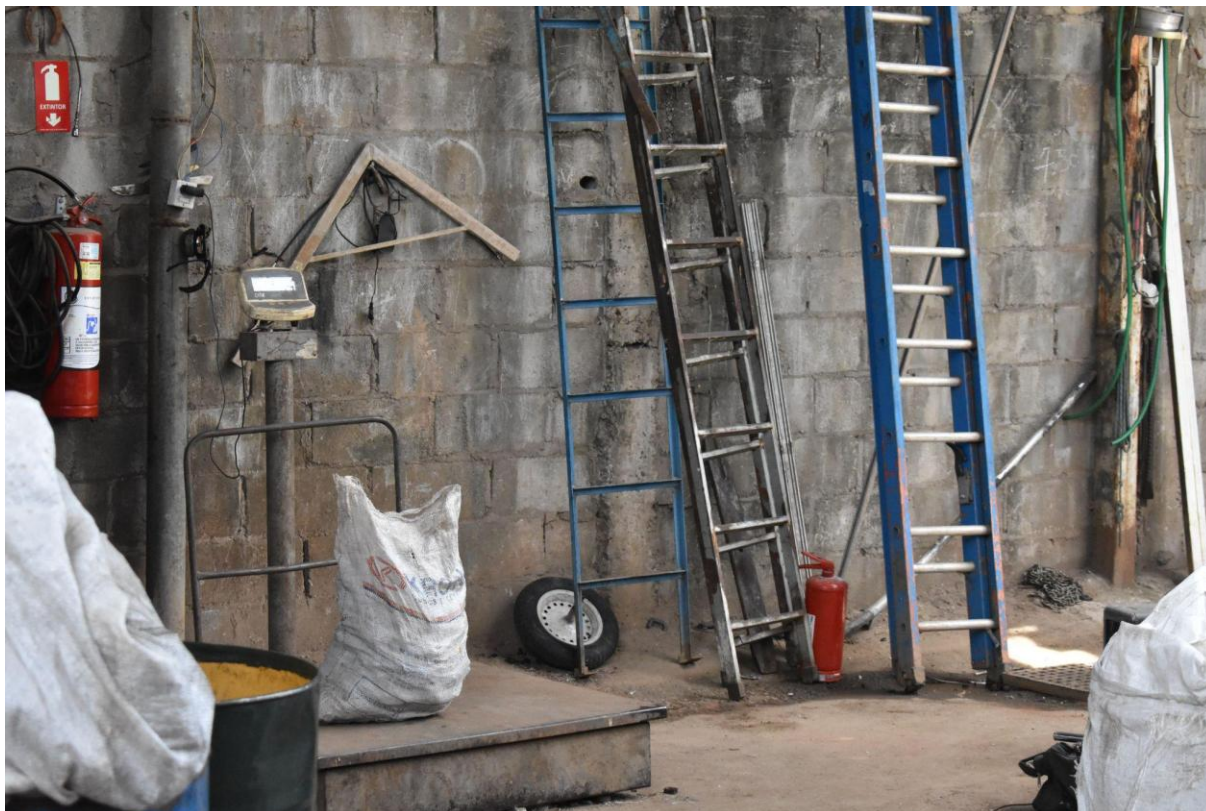


Imagem 10: Barbara Santos, fotografia digital, 6000 x 4000 px, Campinas, 10/02/2024.

Referências

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

QUINTANA, Mário. **O aprendiz de feiticeiro**. São Paulo: Globo, 2005.